Correio da Manhã

Circula em conjunto com:
CORREIO PETROPOLITANO
CORREIO SUL FLUMINENSE

Rio de Janeiro, Segunda-feira, 17 de Março de 2025 - Ano CXXIII - Nº 24.727

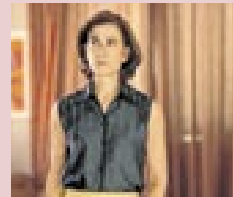
Steve Wilson revê o prog rock em novo álbum de estúdio

PÁGINA 3



'Ainda Estou Aqui' ajuda a exportar a TV brasileira

PÁGINA 5



Cinema autoral tem o seu porto seguro no Bacifi

PÁGINA 7



2° CADERNO

Breno Platais



Ah, meu Brasil africano!

Seleção de artigos do sociólogo paulista Reginaldo Prandi lança um olhar sobre as transformações sociais em torno das religiões de matriz africana no país

Sociólogo, professor e escritor, o paulistano Reginadldo Prandi dedica-se há mais de cinco décadas ao estudo das religiões afro-brasileiras. Aos 78 anos, acumula mais de 30 livros publicados sobre literatura infantojuvenil, educação, metodologia de pesquisa e religião – tema pelo qual é mais conhecido. Em "Brasil Africano: Orixás, Sacerdotes, Seguidores", ele aborda deuses, rituais e as transformações sociais que acompanharam essas religiões ao longo do tempo.

"O livro analisa o candomblé e a umbanda, seus sacerdotes e seguidores, desvendando dinâmicas de poder, conduta e resistência. Explora o panteão e seus ritos, reflete sobre a intolerância religiosa e a incorporação da tradição dos orixás na sociedade e na cultura contemporânea", afirma Prandi. Desde os anos 1970, ele acompanha e interpreta essas manifestações do ponto de vista sociológico.

A obra traça "um panorama crítico e detalhado do papel dessas religiões na construção da identidade brasileira. É a história de uma tradição de origem africana decisiva para o país, mas frequentemente vilipendiada e perseguida. O candomblé é o foco principal do livro, embora alguns capítulos tratem também da umbanda", pontua o autor.

Prandi lembra que os estudos sociológicos sobre religião se expandiram com a popularização dos cursos de pós-graduação. Quando iniciou a carreira, em 1971, havia apenas três programas de pós em sociologia no Brasil, todos incipientes. Hoje são mais de 50. "As religiões afro-brasileiras, além de se voltarem ao indivíduo, seguem como um exuberante celeiro cultural. São capazes de fornecer ingredientes materiais e simbólicos para o amálgama que preenche muitas fissuras culturais e dá forma e sentido à identidade brasileira", diz.

Os textos desta obra foram selecionados pelo sociólogo, professor e escritor João Luiz Carneiro. "Orixás, voduns, inquices, caboclos, pretos velhos, pombagiras e exus, entre outras entidades, povoam os capítulos e revelam diferentes faces da sociedade brasileira, mostrando, por trás das religiões, uma África viva e constitutiva do Brasil", observa Carneiro. Como pano de fundo, estão as mudanças sociais pelas quais o país passou nesse meio século, refletidas também nas religiões estudadas. **Continua na página seguinte**



Divulgação

A obra de Prandi traça um panorama crítico do papel das religiões de matriz africana na construção da identidade brasileira

ENTREVISTA / REGINALDO PRANDI, SOCIÓLOGO, PROFESSOR E ESCRITOR

‘Quem tem o preconceito no coração não precisa de motivo para praticar a rejeição do outro’

Divulgação



Podemos dizer que o "Brasil Africano: Orixás, Sacerdotes, Seguidores", pensado para festejar os seus 50 anos de escrita, também abre as comemorações pelos seus 80 anos de vida?

Reginaldo Prandi - Sim, 50 anos de publicações e 80 de idade, mas os 80 terão que esperar um ano e pouco. Para os 80 já estamos com livros em edição em duas editoras (Pallas e Companhia das Letras), incluindo não ficção, ficção e literatura infantojuvenil. Espero chegar lá.

Quais foram as balizas usadas para escolher os textos desta obra, que foram produzidos e publicados ao longo deste meio século?

A ideia era mostrar o que pude registrar de mudanças nas religiões, mas também no meu modo de tratá-las. As religiões mudam e nossas cabeças também. Outro critério foi incluir livros de difícil acesso, extraídos de veículos hoje disponíveis só em bibliotecas.

O que mudou no mundo, sob a perspectiva da fé, neste tempo em que você pesquisa sobre religiões afro-brasileiras?

A fé hoje é artigo de consumo não obrigatório. Tem pra todos. Religião não é mais aquela em que se nasce, mas a que se escolhe. Também, não ter fé religiosa alguma já não é nenhum desdouro.

Este mês, estreia em São Paulo uma peça com dramaturgia sua. "Pecados da Salvação". Já assistiu a algum ensaio? O que sente com essa estreia? Planos de viajar pelo país com esse texto?

Vou ver um ensaio geral nesta semana. Só sei alguns trechos. Sou muito palpiteiro e a minha presença em ensaios mais atrapalha que ajuda. Não sou da produção, mas esperamos que a peça viaje depois da temporada paulistana.

> *"A fé hoje é artigo de consumo não obrigatório. Tem pra todos. Religião não é mais aquela em que se nasce, mas a que se escolhe. E não ter fé religiosa alguma já não é nenhum desdouro"*
>
> Reginaldo Prandi

Você defende a ideia de que os estudos sociológicos sobre religião se alastraram pelo país com a popularidade dos cursos de pos-graduacao, dos anos 1970 para cá. A que você atribui esse fenômomeno?

Simples: muito mais estudantes, projetos, mais instituições universitárias bancando as pesquisas. Enquanto isso, a partir dos anos 1960, houve grande popularização do candomblé por artistas e intelectuais.

Daqui até o próximo ano, você deve lançar mais quatro livros, certo? Um pela Pallas e três pela Companhia das Letras. Já estão escritos? Pode nos adiantar as temáticas dos livros?

Os quatro já estão nas editoras. Livros demoram para ser bem editados. Um é sobre as diferentes religiões no Brasil, outro é uma releitura de "Mitologia dos Orixás". Há também um livro sobre meu trabalho de campo nos terreiros, e um quarto fala da rua em que moro há mais de 40 anos e das ameaças por que tem passado com o avanço das grandes construtoras que devoram rapidamente as casas que encontram pela frente.

Você é praticante de alguma religião de matriz africana? Enfrenta algum preconceito por ser branco e nascido em São Paulo?

Trabalho com muitas religiões diferentes e sou amigo de todas. Quem tem o preconceito no coração não precisa de motivo para praticar a rejeição do outro: qualquer razão serve para fazer seu ódio prosperar.

Você acaba de comentar que um de seus próximos lançamentos será sobre as mudanças ocorridas na rua onde você mora. O que você viu através de tua janela?

Tudo gira em torno de uma cantiga de roda que certamente você conhece: "Se esta rua, se esta rua fosse minha, / Eu mandava, eu mandava ladrilhar / Com pedrinha, com pedrinhas de brilhante / Para o meu, para o meu amor passar".

"Brasil Africano" chegou a ser anunciado por outra editora.

Sim. O livro teve uma primeira edição que não foi comercializada. A editora fechou as portas antes disso. Felizmente consegui o distrato dos direitos autorais e a Pallas pode finalmente lançá-lo. Com as adequações necessárias, evidentemente.

Junto com o seu lançamento, a editora está lançando "Meu Caso de Amor com o Brasil", do antropólogo italiano Bruno Barba, que é muito seu amigo. Foi você quem fez essa mediação? O que pode adiantar deste trabalho?

Bruno Barba é um parceiro desde 1990. Escreveu muitos livros sobre o Brasil. Sobre as cidades, o povo, o candomblé. O futebol. Neste livro ele narra o que viu e o que sente sobre o Brasil ao longo de 30 anos e incontáveis viagens, que fez a cada ano. Bruno é o maior divulgador da cultura, da religião e dos esportes brasileiros na Itália. Fui uma espécie de intermediário e escolhi a Adriana Marcolini para traduzir e o Raul Loureiro para o projeto de edição gráfica. Estamos juntos nessa. Por isso resolvemos fazer um lançamento duplo juntos, em São Paulo e no Rio.

Kevin Westernberg/Divulgação

Steven Wilson retorna ao gênero em 'The Overview', seu oitavo álbum solo de estúdio. 'Era isso que o tema pedia', explica

O prog rock ainda é possível



Por Affonso Nunes

Conhecido por trabalhos arrojados como compositor e produtor, Steven Wilson apresenta aquele que considera seu projeto mais ambicioso até agora com "The Overview", seu oitavo álbum de estúdio. Composto por apenas duas faixas extensas, "Objects Outlive Us" e "The Overview", o disco explora o chamado "efeito de visão geral", fenômeno descrito por astronautas ao observarem a Terra do espaço, conceito que passou a conhcecer em conversas com Alexander Milas, fundador da organização Space Rocks.

"É um fenômeno reconhecido que os astronautas experimentam. Supostamente, ocorre uma mudança cognitiva em sua perspectiva mental. Eles entendem, em uma fração de segundo, de quão insignificantes somos. O álbum se resume a essa ideia de perspectiva, algo de que todos nós podemos pensar com um estímulo", detalha.

A turnê global com o nome do álbum passará inicialmente pelos Estados Unidos e Canadá, encerrando com quatro apresentações na América Latina, incluindo uma parada em São Paulo, no Tokio Marine Hall, em 17 de outubro.

"The Overview" vem sendo encarado como um retorno artista ao rock progressivo que moldou sua trajetória desde o Porcupine Tree, mas que ele vinha rejeitando há alguns anos ao declarar não ser mais possível fazer música progressiva na era moderna. "A ideia que tive para esse trabalho pedia por algo mais longo e conceitual e, ouso dizer, mais progressivo. Para evitar perguntas sobre por que voltei a um estilo mais progressivo, é porque era isso que o tema pedia", disse em entrevista à revista especializada Prog.

"Mais do que um álbum, trata-se de uma experiência audiovisual imersiva, complementada por um filme dirigido por Miles Skarin", detalha o músico em comunicado de imprensa. Antes do lançamento, o projeto já havia sido exibido no cinema BFI IMAX de Londres e em sessões esgotadas ao redor do mundo.

O entusiasmo pelo novo trabalho do músico tomou conta da crítica. Resenha do álbum publicada no londrino The Guardian classifica o disco como "fascinante, complexo e descaradamente cerebral... equilibrando influências eletrônicas e pós-punk com um amor audível por Pink Floyd e Yes."

Embora inicialmente concebido como uma gravação solo, "The Overview" ganhou corpo com a colaboração de Craig Blundell (bateria), Adam Holzman (teclados) e Randy McStine (guitarras), além das letras escritas por Andy Partridge, do XTC, que estruturam a narrativa de "Objects Outlive Us".

O álbum resgata elementos de diferentes momentos da trajetória de Wilson, combinando a sonoridade clássica do Porcupine Tree (cujo futuro segue indefinido desde o reencontro de 2022 e a gravação do álbum "Closure/Continuation"), a construção de mundos de "The Raven That Refused to Sing", a experimentação eletrônica de "The Future Bites" e a abordagem espacial de "The Harmony Codex", o álbum de 2023.

Fiel à sua reputação como produtor meticuloso, Wilson concebeu um trabalho amplo, disponível em versões de áudio espacial/Atmos tanto em formato físico quanto digital. As edições em vinil foram masterizadas em meia velocidade por Miles Showell, nos estúdios Abbey Road.

Nascido em Kingston Upon Thames, Inglaterra, Steven John Wilson é guitarrista, vocalista, principal compositor e membro fundador do Porcupine Tree, banda que redefiniu o rock progressivo a partir dos anos 1990. Em sua carreira solo, iniciada em 2008, transitou por diversos gêneros, como rock, eletrônica, jazz e música ambiente, sem perder sua assinatura sonora. Ainda participou de projetos como Blackfield, Storm Corrosion e No-Man.

Além de sua obra autoral, é um respeitado engenheiro de som, responsável por remixes de álbuns clássicos de King Crimson, Yes, Jethro Tull e Roxy Music.

Uma carta canção para Camões

Leoni convida Zeca Baleiro para dueto na faixa 'Te Entendo Cem Por Cento'

Por **Affonso Nunes**

Leoni e Zeca Baleiro se juntam pela primeira vez em um dueto inédito na faixa "Te Entendo Cem Por Cento", já disponível nas plataformas de áudio. A música, criada em parceria com George Israel e Frejat, integra o novo EP de Leoni, "Baladas Sortidas".

"'Te Entendo Cem Por Cento' é a quarta música lançada entre as que compõem o EP 'Baladas Sortidas'. Trata-se de uma balada rock, de melodia forte, que aborda, com bom humor, um tema filosófico: o acaso e sua influência decisiva em nossas vidas. A letra tem inspiração em Luis de Camões e segue a tradição de algumas das minhas composições, que nasceram a partir de sonetos, como 'Outro Futuro', 'Soneto do teu corpo' e 'Sempre por querer'", explica Leoni.

"Neste caso, o ponto de partida foi um soneto heroico de Camões, do qual extraí o verso 'Qualquer grande esperança é grande engano'. Inicialmente, a letra mantinha esse formato, mas foi ajustada às exigências da melodia, estabelecendo um diálogo com o poeta português sobre a ação do acaso em nossos planos. O processo de composição foi feito virtualmente, pois meus parceiros estavam isolados em Teresópolis durante a pandemia", acrescenta.

Acervo pesssoal Leoni



Leoni e Zeca Baleiro: o carioca diz que queria ouvir muito a voz do amigo na faixa

Leoni conta que quando decidiu gravar a canção, pensei imediatamente em convidar Zeca Baleiro, seu vizinho na diáspora artística do Sumaré, em São Paulo. "Queria muito ouvir a primeira frase da letra ('Caro Camões, te entendo cem por cento') cantada por ele, pois tem um humor e uma surpresa que vejo em seu trabalho. Como comecei cantando, repeti a frase no fim da música para concretizar essa ideia", destaca.

A gravação tomou um caminho diferente das outras faixas do EP. Antonio Leoni, produtor e filho de Leoni, percebeu que ela pedia menos eletrônica e mais a pegada de uma banda, mais balada rock. "Por isso, convidamos Lourenço Monteiro para gravar a bateria. A partir da base que ele enviou, gravei baixo e violão, enquanto Antonio cuidou das guitarras, teclados e efeitos. Zeca gravou sua voz aqui em casa, assim como Zélia Duncan fez em 'Quem nos dera'. Foi tudo muito rápido: alguns takes e estava pronto", recorda Leoni.

UNIVERSO SINGLE

POR AFFONSO NUNES

Divulgação



Uma visão de country

Após estrear a canção "The Giver" no Saturday Night Live em novembro, Chappell Roan disponibiliza o single nas plataformas. "Tenho um lugar tão especial em meu coração para a música country. Cresci ouvindo-a todas as manhãs e tardes no ônibus da escola e a escutei em volta de fogueiras, em supermercados e em bares de karaokê. Muitas pessoas perguntaram se isso significa que estou fazendo um álbum country??? Minha resposta é... no momento, estou apenas fazendo músicas que me fazem sentir feliz e divertida, e 'The Giver' é a minha visão do country", avisa.

Dança frenética

Elton John e Brandi Carlile acabam de lançar o clipe de seu mais novo single, "Swing For The Fences". Com direção do renomado cineasta Xavier Dolan e coreografia assinada por Damien Jalet ("Emilia Pérez", "Anima" e "Suspiria"), o vídeo acompanha um jovem sozinho em casa, entregando-se a uma dança frenética, movido pela energia da música. À medida que sua improvisação se torna mais intensa e visceral. A faixa faz parte do álbum "Who Believes In Angels?", que será lançado em 4 de abril.

Divulgação



Divulgação



Larissa não é Anitta

Anitta acaba de disponbilizar nos aplicativos de música a faixa "Larissa", que integra o documentário oficial da Netflix da cantora, intitulado "Larissa: The Other Side of Anitta". A música é apresentada nos créditos finais da produção, que oferece uma visão íntima do mundo da cantora. Com mais de 5 bilhões de streams até o momento e mais de 200 milhões de seguidores nas redes sociais, a brasileira vem consolidando sua trajetória como uma estrela do pop latino. "O documentário proporciona uma nova perspectiva sobre quem é Anitta e quem é Larissa", diz ela.

Alile Dara Onawale/Divulgação

Um visto para o **audiovisual brasileiro**

Oscar de 'Ainda Estou Aqui' pode ajudar a exportar conteúdos de TV brasileira, acreditam produtores



A atriz Valentina Herzsage em cena de 'Ainda Estou Aqui', cujo sucesso internacional despertou interesse nas produções brasileiras

Por Guilherme Luis (Folhapress)

O primeiro Oscar do Brasil, entregue ao filme "Ainda Estou Aqui", deve provocar benefícios não só no cinema, mas em todo o ecossistema do audiovisual nacional - inclusive na televisão. É o que dizem executivos e produtores da área que se reuniram no Rio na última semana para debater rumos da produção de obras de não ficção na TV e no streaming do país.

"Todo mundo de fora agora olha e pensa: 'os caras sabem fazer'", afirma Fernando Dias, produtor e presidente do Latam Content Meeting, evento que tomou um andar inteiro do hotel de luxo Rio Othon Palace, à beira da praia de Copacabana. "Antes a TV brasileira era muito voltada ao mercado nacional. A gente não tinha parcerias com outros países. Era normal que lá fora desconfiassem da nossa qualidade."

O evento, que ocorreu entre segunda e quarta-feira, trouxe convidados internacionais. Estavam presentes, por exemplo, o americano Tony Patterson, chefe de produções internacionais do Prime Video, a plataforma de streaming da Amazon, a britânica Kate Phillips, executiva do canal BBC, e o alemão Tim Klimes, da emissora Deutsche Welle.

"Eles chegaram aqui com um olhar já diferente por causa do Oscar, e depois que entenderam como é nossa produção, foi como se tivessem passado um colírio nos olhos", diz Dias, que também fundou o evento Rio2C, um dos maiores eventos sobre inovação e cultura da América Latina.

Entre os convidados brasileiros, Monica Pimentel, vice-presidente de conteúdo da Warner, foi escalada para discutir por que vem crescendo o consumo de obras de não ficção no país. Ao seu lado estavam Tiago Ornaghi, gerente de conteúdo de documentários da Globo, e Tony Patterson, o americano da Amazon, que teve seu vozeirão elogiado pela brasileira.

Questionada sobre como é ficar tête-à-tête com a concorrência, Pimentel diz que "esses eventos servem para troca de ideias entre produtores e canais, para sentir o pulso do mercado".

"A gente não tem concorrência", responde à mesma pergunta Tiago Ornaghi, da Globo. "Existe uma sinergia entre as produtoras, mas cada uma se acomoda no seu nicho. Não há canibalismo. A gente não faz filme de super-herói, e os canais de fora não fazem documentário sobre a história brasileira". No evento, porém, teve engravatado de fora do país dizendo querer filmar a história de escolas de samba.

Ornaghi participou ainda de outra mesa, sobre os cem anos da Globo. Uma de suas colegas era Fernanda Neves, produtora de documentários da emissora, que falou sobre como documentários e reality shows viraram um filão valioso para o canal. Ela cita a produção "Em Nome de Deus", sobre as acusações de assédio sexual contra o médium João de Deus, como um exemplo positivo do que chama de "documentário de risco", aquele que ganha investimento antes mesmo de se ter certeza do seu potencial.

Nesse mesmo debate, os executivos exaltaram a coprodução entre países. Numa sala ao lado do auditório onde ocorriam as palestras, produtores brasileiros se sentavam em mesas com compradores de todo o mundo para tentar vender seu peixe.

"A gente sentia muita falta de um ambiente para dar luz a obras no Brasil. O jeito sempre foi viajar para fazer mercado externo", diz Rosangela Wicher, diretora da produtora Floresta, que fez a segunda temporada do reality show Ilhados com a Sogra, para a Netflix. "A gente teve uma conversa muito boa com a representante da BBC de Londres, que vai viajar com negócios engatilhados."

Dias, o presidente do evento, diz que é nas parcerias internacionais que a TV brasileira deve apostar para fazer vingarem mais obras além de "Ainda Estou Aqui, uma coprodução entre Brasil e França. "A qualidade aumenta porque há muito mais dinheiro investido. Esse produto viaja muito mais, quebra uma barreira."

Novos longas de Olivier Assayas e François Ozon ampliam o flerte do circuito brasileiro com um dos polos mais produtivos do audiovisual europeu

Por **Rodrigo Fonseca**
Especial para O Correio da Manhã

Carole Bethuel/Divulgação



'Tempo Suspenso', novo Assayas, amplia a frente francesa no Brasil

Saída à **francesa**

Tem François Ozon novo vindo aí... e um Ozon premiado: "Quando Chega o Outono" ("Quand Vient L'Automne"), laureado com o troféu de Melhor Roteiro no Festival de San Sebastián, em 2024. É um filme sobre cogumelos, garotas de programa anciãs aposentadas, mágoas de filha por mãe e uma Borgonha ensolarada. Entra em cartaz até abril. Quando tem Ozon é porque a dinâmica de produção e de distribuição do cinema francês está operando na sua plenitude. É o indício de que a conexão da pátria presidida por Emmanuel Macron com o Brasil, no âmbito do audiovisual, permanece correndo bem. A equação comercial da cinefilia em nosso país não fecha sem a França. Ainda que esta semana vá ser abalada com a chegada de uma nova versão da "Branca de Neve", com CEP em Hollywood, a filmografia mais prolífica da Europa sempre faz uma diferença na balança comercial do circuito exibidor – sobretudo aquele menos refém dos blockbusters. A estreia de maior destaque vinda das bandas que nos deram a Nouvelle Vague é "Tempo Suspenso" ("Hors du Temps"), de Olivier Assayas, que nos chega nesta quinta.

Indicada ao Urso de Ouro da Berlinale em 2024, a produção mais recente do realizador de "Wasp Network: Rede de Espiões" (2019) é uma comédia regada de tintas filosóficas que revista os rituais do confinamento, a partir de vivências do próprio Assayas. Na trama, dois irmãos, o cineasta Paul (Vincent Macaigne, hilário) e o jornalista e crítico de música Etienne (Micha Lescot) estão confinados na casa de campo da família, no interior da França, junto com suas parceiras Morgane (Nine d'Urso) e Carole (Nora Hamzawi). Cada cômodo, cada objeto, as árvores do jardim lhes trazem as memórias da infância e seus fantasmas. Uma comédia autobiográfica.

"As diferentes manifestações da tecnologia que criamos como um facilitador da vida podem ser úteis, desde que sejamos capazes de manter a consciência atenta e arguta", disse Assayas ao CORREIO DA MANHÃ, antes das filmagens, em referência ao clima de desintoxicação eletrônica vivido pelos personagens de "Tempo Suspenso", numa divertida reconstituição da fase de isolamento vivida pelo planeta em decorrência do coronavírus.

Alter ego do diretor, o personagem de Macaigne até faz terapia via Zoom, por celular, e conversa com sua filha por Facetime. A bolha silvestre e burguesa que o cerca traz um lirismo que lembra o cinema de François Truffaut e o de Éric Rohmer, um dos pilares da formação de olhar de Assayas, que escreveu críticas antes de dirigir.

"O verbo 'refletir' ficou descartável numa sociedade que quer gratificações imediatas", explicou Assayas em sua última passagem pelo Rio de Janeiro, há seis anos.

Estima-se que nesta quinta estreia ainda outra produção egressa de Paris: "O Bom Professor" ("Pas Des Vagues"), de Teddy Lussi-Modest. François Civil brilha em cena, no papel de um educador enredado numa teia de suposições acerca de seu caráter. O longa foi uma das mais concorridas atrações do último Festival Varilux, maratona francófona das Américas, que abriu telas do país para a realizadora Anne Fontaine e seu "Bolero: A Melodia Eterna" ("Bólero"), um drama de tintas biográficas.

RIFF



'Bolero' foi um dos maiores sucessos do Festival Varilux e chega agora às telas

Com estreia por aqui prevista para o dia 3 de abril, o longa de Fontaine viaja até 1928, nos vibrantes "anos loucos" de Paris, quando a dançarina Ida Rubinstein (Jeanne Balibar) encomenda a Maurice Ravel (Raphaël Personnaz) a música para seu próximo balé. Enfrentando uma crise de inspiração, o compositor revisita os capítulos de sua vida - os desafios de seus primeiros exercícios musicais, as marcas da I Guerra e o amor impossível por sua musa.

Representante da França no Oscar, "Emilia Pérez", ganhador das estatuetas de Melhor Canção ("El Mal") e Melhor Atriz Coadjuvante (Zoe Saldaña) segue em cartaz no Rio. De lá chegaram ainda "Meu Verão Com Glória" ("Àma Gloria"), de Marie Amachoukeli-Barsacq, e "Loucos Por Cinema!" ("Spectateurs!"), de Arnaud Desplechin.

BAFICI
BUENOS AIRES FESTIVAL INTERNACIONAL DE CINE INDEPENDIENTE

Julien Panie/Divulgação



'Les Barbares' é dirigido pela atriz Julie Delpy

Divulgação



A produção romena 'O Ano Novo Que Nunca Veio' entra na grade do Bafici 2025

Argentina sem 'The End'

Um dos festivais de maior prestígio da América Latina, o Bafici, de Buenos Aires, celebra as vozes autorais da contemporaneidade e festeja a produção independente de sua pátria

Por **Rodrigo Fonseca**
Especial para o Correio da Manhã

Em tempos de luta contra o conservadorismo de Javier Milei, prestes a leva seu muso Ricardo Darín à Netflix, com a série "El Eternauta", o audiovisual argentino se prepara para festejar a força de seu cinema – em tela grande – com uma nova edição – de número 26 – da maratona que expõe a carta de intenção de seu futuro: o Festival Internacional de Cinema Independente de Buenos Aires (BAFICI).

Essencial para a consolidação de vozes autorais na América Latina, o evento vai de 1 a 13 de abril, usando o Teatro San Martín como seu epicentro. A abertura fica por conta de "Upa! A Springtime in Athens, de Tamae Garateguy, Santiago Giralt e Camila Toker. A partir de sua projeção, a equipe curatorial, com direção artística de Javier Porta Fouz, detona um circuito de 500 sessões em 13 salas de exibição em diversos cantos da capital de sua pátria.

"Abril é a época do Bafici, e o primeiro dia do mês será o primeiro dia da festa. Desta vez, são treze dias. Mais projeções, mais diversidade e mais acesso ao cinema no cinema", celebra Fouz em comunicado oficial no site do evento, que, em 2024, consagrou o longa brasileiro "A Paixão Segundo GH", de Luiz Fernando Carvalho.

Atento a que se fez de melhor na Europa, na Ásia e na África, o radar de Fouz apitou diante da chance de exibir o aclamado "O Ano Novo Que Nunca Veio", de Bogdan Muresanu (Romênia), em sua seleção oficial. Foi dele o prêmio principal da mostra Horizontes do Festival de Veneza do ano passado. Seu enredo se passa em 20 de dezembro de 1989, quando o povo romeno se encontra à beira de uma revolução. As ruas estão repletas de manifestações, os estudantes tripudiam do regime por meio da arte e as apresentações de réveillon glorificam a figura do ditador Nicolae Ceausescu. Ao mesmo tempo, no desconforto das casas sem aquecimento, famílias enfrentam conflitos pessoais. Esse turbilhão redesenha caminhos... e afetos.

> "Abril é a época do Bafici, e o primeiro dia do mês será o primeiro dia da festa. Desta vez, são treze dias. Mais projeções, mais diversidade e mais acesso ao cinema no cinema"
>
> Javier Porta Fouz

Dulac Distribution



'Tardes de Soledad' leva o debate sobre as touradas para as telas do mundo

Ainda no pacotão Bafici 2025 entram: "Voyage Au Bord De La Guerre", de Antonin Peretjatko, e "Les Barbares", de Julie Delpy (França); o ganhador da Concha de Ouro "Tardes de Soledad", de Albert Serra (Espanha); "Levados Pelas Marés", de Jia Zhang-ke (China); "Misty – A História de Erroll Garner", de Georges Gachot (Suíça); "Spermageddon", de Tommy Wirkola e Rasmus A. Sivertsen (Noruega); "La Vita Accanto", de Marco Tullio Giordana (Itália); "Reflet Dans Un Diamant Mort", de Hélène Cattet e Bruno Forzani (Bélgica); e (o estonteante) "Pai Nosso - Os Últimos Dias", de Salazar de José Filipe Costa (Portugal).

Na seção Resgates, de cunho histórico, entram filmes recuperados e restaurados pela Cineteca Nacional do Chile como "Esperando a Godoy" (1973), de Cristián Sánchez, Rodrigo González e Sergio Navarro. Ainda em seu olhar para pretéritos perfeitos da cinefilia, o Bafici importou de Cannes "O Roteiro Da Minha Vida – François Truffaut" ("Le Scénario De Ma Vie – François Truffaut"), de David Teboul. O documentário se baseia em imagens de arquivo (algumas conhecidas, outras não) e em entrevistas pouco reproduzidas do artesão autoral por trás de objetos de culto como "Os Incompreendidos" (1959), na correspondência dele com o pai (adotivo) e, sobretudo, num relato autobiográfico iniciado alguns meses antes da sua batalha final contra o tumor que o matou.

Nas próximas duas semanas, o Bafici anuncia todas as suas atrações, celebrando a potência da produção cinematográfica de sua nação, apesar da falta de apoio de Milei. Em 22 de fevereiro, nuestros hermanos ganharam o Prêmio do Júri da Berlinale por "El Mensaje", de Iván Fund. Há uma expectativa por novos títulos argentinos para as disputas do Festival de Cannes, em maio.

CRÍTICA / RESTAURANTE / MASI

Nao Hara, **o craque**

Por **Cláudia Chaves**
Especial para o Correio da Manhã

O chef sushiman Nao Hara ocupa a cena gastronômica carioca há tempos, sendo um medalhista de ouro no pódio da culinária. Primeiro sushiman carioca, nasceu em Tinguá, Nova Iguaçu, neto e filho de japoneses. Sua família criou o restaurante Miura, no Edifício Avenida Central, onde Nao começou como faxineiro, assumindo as facas aos 20 anos.

Em uma viagem ao Japão, trabalhou em diversos restaurantes de renome e teve a oportunidade de aprender com chefs que regressavam da França, trazendo consigo a nouvelle cuisine japa, uma fusão das técnicas da cozinha francesa com a precisão japonesa. Essa experiência foi fundamental para sua formação profissional.

Esse conhecimento ímpar, aliado à sua expertise criativa, levou Nao a ser responsável pela fusion cuisine de influência mediterrânea e asiática no Masi, restaurante localizado no 30º andar do Hotel Nacional. A gastronomia fusion do Masi é composta por 70% de influências mediterrâneas, com um passeio pelos sabores da Itália, Portugal e Turquia.

Matheus Ramos/Divulgação



O Mongolian Beef é um dos destaques da culinária fusion do Masi

Fui recebida pela querida Lili Sampaio, assessora da BT Comunicação, que me apresentou os seus pratos favoritos. E que acerto! O Mongolian Beef, feito com iscas crocantes de filé mignon ao molho agridoce picante de shoyu, e os saborosos Camarões com Shitake, salteados no molho de ostras com abacaxi, foram apenas o início. O Carpaccio de Wagyu, servido com pedras vulcânicas quentes e molho ponzu, foi o ápice das entradas incríveis.

Nos pratos principais, a Paella Masi surpreendeu com arroz espanhol, camarão, polvo, mexilhões e lulas, tudo harmonizado com confit de pimentões, tomates e açafrão. Já o Surf and Turf, um filé mignon empanado servido com molho de camarão e arroz de açafrão com queijo, trouxe uma mistura improvável de terra e mar, um verdadeiro deleite. E, como não resistimos às vieiras, ainda pedimos as Vieiras com foie gras maçaricado, algas frescas e pérolas de lichia. Puro luxo!

Com a vista deslumbrante do mar ao fundo, finalizamos a experiência com sobremesas inesquecíveis: Tiramisù de doce de leite com sorvete de café (o melhor da vida!) e uma Banoffee desconstruída. Um início de relação gastronômica que, certamente, será duradoura — como a nossa com Nao Hara.

SERVIÇO

MASI | Hotel Nacional (Avenida Niemeyer, 796, 30º andar - São Conrado) | Diariamente, das 12h às 0h

NOTÍCIAS DA COZINHA

POR CLÁUDIA CHAVES

Divulgação



Sesc na Expofood

O Sesc Mesa Brasil, maior programa de combate à fome e ao desperdício da América Latina, participará da 35ª edição da SRE Trade Show – Super Rio Expofood, um dos principais eventos do setor alimentício no país, que acontecerá de 18 a 20 de março, no Riocentro, Zona Oeste do Rio de Janeiro. No estande, no pavilhão 4, visitantes conhecerão o projeto de segurança alimentar do Sesc. Ao fim de cada dia, expositores poderão doar alimentos próprios para consumo. Neste ano, 13 parceiros que doaram na última edição serão homenageados em uma cerimônia especial no evento.

São Patrício carioca

São Patrício é o padroeiro da Irlanda, mas seu dia já faz parte do calendário de festividades no Brasil, unindo festa, fantasia, boa sorte e cerveja. A cervejaria Hocus Pocus abre as celebrações em 17 de março com pratos especiais e cervejas inéditas em seu bar, o DNA. Quem comprar a cerveja verde Molly's Dream poderá ganhar prêmios como a moeda mágica, cervejas, chaveiros e copos exclusivos. A casa promoverá também um festival com cardápio temático. A ação segue até o fim do mês ou enquanto durarem os estoques.

Nay Dias/Divulgação



Divulgação



Dia do Tiramisù

O tiramisù, um dos doces italianos mais famosos, conquistou paladares no mundo com seu sabor marcante. Em 21 de março, celebra-se o Dia do Tiramisù, essa iguaria do norte da Itália. Sua receita clássica leva mascarpone, biscoito champagne embebido no café e cacau, formando a combinação perfeita. Para comemorar, o Café Cardin lança uma ação especial: quem comprar uma fatia da torta de tiramisù (R$ 20) nas unidades Copacabana ou Leblon ganhará um espresso exclusivo, criando uma harmonização perfeita e irresistível para os amantes dessa delícia.